

Trama psicológica no Portugal salazarista

NOGUEIRA MOUTINHO

BALADA DA PRAIA DOS CÃES, de José Cardoso Pires. Civilização Brasileira. 256 págs. Cr\$ 3.200.

A obra ficcional de José Cardoso Pires, iniciada em 1949 com "Os Caminheiros e Outros Contos", tardou a ser conhecida no Brasil, graças, obviamente, a essa inexplicável fratura que torna as literaturas portuguesa e brasileira inconciliáveis irmãs inimigas. O público leitor natural do que se escreve em Portugal e no Brasil será, naturalmente, o que fala a língua comum nas duas margens do Atlântico. Os fados, porém, ou as fadas, que lá como cá, podem ser más, bloqueiam uma comunicação que deveria ser espontânea. E o distanciamento, abissal, acaba levando a escrevermos linguagens tão diversas, que quase há necessidade de trazerem os romances glossários elucidadores sobre o significado de termos e expressões próprias aos dois falares.

O caso do autor da "Balada da Praia dos Cães" é típico. Creio que só dois livros dele, a "Cartilha do Marialva" (1960) e "O Delfim" (1968) chegaram a ser lidos no Brasil. O que é uma pena, pois Cardoso Pires é, entre os escritores de sua geração, um dos que mais e melhor têm refletido sobre as contradições do regime salazarista e a posterior democratização de seu país. Do ponto de vista estético, eu diria que nele predominam duas tendências: a sátira e o fascínio pelo "plot" policialesco. Tais tendências já claramente demonstradas em "O Delfim",

articulam-se com mais vigor e domínio nesta "Dissertação sobre um Crime" (esse o subtítulo da obra), que transpõe ao plano literário um fato real, crime político ocorrido no período crepuscular do salazarismo.

Na realidade, porém, isto é, na realidade literária, que nos interessa, esse incidente na luta pelo poder é mero pretexto para a estruturação de sofisticada narrativa, na qual o político representa apenas um dos planos, e mesmo o plano secundário, pois o romance flui como uma narrativa policial (não se esqueça de que "Crime e Castigo" também é um policial, só que escrito por um gênio), oferecendo ao autor espaço à articulação de dois outros níveis: o psiquiátrico e o erótico. É fácil ouvir com nitidez o sotaque do Marquês de Sade nas entrelinhas da narrativa, mas um Sade lido por Camilo Castelo Branco, quer dizer, condensado com o sal grosso do palavrão português manejado pela pena de um escritor que já foi, entre outras coisas, marujo. É o psicológico que predomina sobre o político no romance? Sem dúvida. O real é muito menos interessante do que o imaginário, o "fait brut" não vai além do friamente jornalístico. Cardoso Pires não leu apenas "Justine ou les malheurs de la vertu", leu também o conhecido mestre vienense que criou a psicanálise. Leu-o até melhor do que outro autor que também deve estar em sua cabeceira: Karl Marx.